

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPITULO XXIII.

Em que se dão muitas noticias curiosas.

« A NOITE dá bom conselho, » diziam os nossos velhos, pondo a excellente regra de não trovar de repente. É o motivo tambem porque Horacio tão sensato e folgazão ordenava como remedio heroico para obras litterarias uma lima de nove annos. Na realidade se o preceito fosse observado em rigor haveria menos abortos e mais correcção. A publicidade é grande inimiga dos poetas.

Mas o que tem a conclusão de um romance do século 13.^o com isso tudo? A que proposito vem as homilias? No prologo, em que é costume tradicional abrir-se o locutorio do auctor, chegar elle á grade, e deprecar ao publico segundo o estylo, explicava-se; mas nas ultimas paginas, quando queremos saber o que succedeu, quando desejâmos que nos refiram o epilogo dos acontecimentos, e as legitimas consequencias d'elles, parece manifesta falta de respeito estar a queimar o leitor a fogo lento, zombando da sua curiosidade natural.

« A' materia, á materia! » como se grita em França ao orador que se amarra á tribuna; nada de prologios! Não protestaremos contra a tyrannia á face de Deus e em presença dos homens, com a solemnidade requeri-la em taes actos; mas se ha vontade de saber, haja tambem a indulgencia necessaria. A nossa queda é a digressão, e conhecemos até um cavalleiro, que morre pelas digressões a ponto de se apassar do exclusivo da palavra, e de cada discurso se assimilhar áquelles mappas geographicos, aonde os rios deitam innumeraveis braços para todos os lados.

« A' materia! á materia! » É exacto, começa a ser abuso. A materia sobeja tanto porém, que algum espirito, havendo-o, não lhe fazia mal. Mas entremos nas explicações pousadas para ordem do dia d'este capitulo.

Principiâmos por uma curiosa e importante noticia aos leitores. Este romance nasceu na Ajuda aos 22 de margo do anno do Senhor de 1847, e foi baptizado e entrou no gremio na famosa casa de penitencia e oração das « Cortiças da Serra », em Cintra, uma Quinta Feira Santa 20 d'abril de 1848. Se não viajou como o astucioso Ulysses, nem chegou a respeitavel senectude de Nestor, não é tambem muito rapaz. Não andou por vapor com grande pezar seu. A ultima scena, o derradeiro combate que desenlaga a tragedia, quasi que se pintou no meio da paisagem severa, que rodeia o antigo convento, cercado de penedras, posto á sombra do silencio, e feito para levantar o pensamento humano das misérias da terra á serenidade e grandeza do céu.

Nada ha mais profundamente christão e sublime que o aspecto silvestre d'aquelle refugio, de que foram desterradas as commoções vulgares; e até a suspeita d'ellas. Cubiculos estreitos mesmo para sepulturas; cortiças cobrindo os penedos das paredes; solidão e melancholia por toda a parte; uma cruz para ajoellar; uma cova para dormir; e a esperanza no templo apontando aos morges d'esta nova Thebaida o caminho arto da penitencia no seio da gloria; eis as dogmas e os prazeres que ali se disfructavam.

Os muros e paredes, e o chão, e o ar, e o sol, e a vida

que n'este logar podia haver passou com elles. Depois de serpear pelas sendas escabrosas, abertas nas rochas, ora pendidas, ora aprumadas da pittoresca serra de Santo Antonio, chega-se ao sitio onde está o ermiterio. A porta são dous penedos meios tombados; por fóra arvores silvestres; pobreza e rusticidade por dentro, formam os regalos da santa morada. Aquelle convento nunca desceu do ermo para o povoado; nunca entrou n'elle senão a fé, o recolhimento, e a mortificação. Diante d'este sepulchro as loucuras da ambição e os sonhos das glorias falliveis dissipavam-se como fumo. D'ali não se via senão o céu. Em semelhante deserto, aonde não chegavam os eccos seductores do mundo, não se fallava senão de Deus.

O que será feito a esta hora dos pobres velhos que ali se tinham amortalhado, escolhendo entre aquellas pedras a sua cova? Para onde os atirou a onda, ou a que porta os levou a charidade? Tão perto, e tão longe ao mesmo tempo da cidade, como souberam achar a lingua dos homens, desaprendida no silencio claustral, e a sociedade que não conheciam, nem os conhecia a elles? Debalde interrogâmos os corredores e as cellas; estão desertas e patentes ás tempestades da serra: são mudas como a bôca talvez dos que as habitaram. Adivinham-se prodigios de resignação e de crenga; sente-se que n'aquelle porto entraram as procellas mundanas só uma vez: a que abateu o altar! A unica, a só cousa que resta de tudo aquillo é a tradição popular de um santo, e a cruz singela de uma igreja. O mais perdeu-se para sempre... Mas continuemos a noticia.

Éram 20 d'abril. A manhã abriu risonha, sorrindo esplendida desde a aurora. Puzemo-nos a caminho uns poucos de peregrinos em devota romaria a Santo Antonio das Cortiças, não em camellos como a caravana arabe, mas nos prosaicos jumentos da umbrosa Cintra. Em redor tudo respirava fresquidão e fragrancia. As arvores, os jardins, os campos, e as flôres tinham uma frescura e uma variedade admiraveis. O céu sem uma nuvem; as fontes susurrando entre ramagem; e as aves trinando sem cessar, compunham um painel que se este fosse ainda um seculo de eclogas, seria inexgotavel na frauta de qualquer Melibeo! Que paisagem para fundo dos innocentes amores de uma Philis, e para as maguas de um Pastor Fido?! Desgragadamente a musa do idilio repousa junto do minuete, dos acrosticos, e das silvas de rebombante memoria. Caíram como as papoulas sobre a vara dos Tarquinius românticos!

Passando, vimos a Pena, o castello mouro de el-rei, que parece pousado sobre as nuvens. A luz do sol dourava as cupulas arabes, e deixava divisar menos confusamente o engenloso e phantastico lavor, com que o cinzel recortou nos porticos e janellas todos os caprichos e graças da Alhambra. O que hade mais ligeiro e esbelto, de mais acrio e ousado na arte, contemplam-no ali os olhos absortos.

Adiante, o alcacer mouro, queimado dos seculos, conserva erecta, como sentinella da serra, a celebrada torre de Bernardim Ribeiro. A tradição assegura-nos que vinha ali o poeta das saudades chorar a negra sina dos breves e amargos amores. Moram hoje no castello velho dous pelicanos, algumas gazelhas, e marabous, e um antilope; recobram-nos sofredivelmente, fazendo as honras das ruinas com uma gravidade, que não lhes fica mal. São sustentados por el-rei, que naturalmente os destina para o palacio da Pena, monumento glorioso da sua grandeza como principe, e do seu gosto como artista.

— Mas Bernardim Ribeiro não se deitou a af

fogar ao Tejo por lhe levarem a princeza? » perguntou uma senhora ao chegarmos ao pé da velha torre.

— « Não é de fé. O auctor de Gil Vicente mesmo não o afirma officialmente; se não me engano, creio mesmo que o poeta, jurando morrer pelos olhos de Beatriz, jurou o santo nome de Deus em vão. »

— « Então? »

— « Consolou-se, minha senhora; morreu agiota em Africa! »

— « Ah! está em que param os gemidos de Apollo! » acudiu outra senhora rindo.

Assim conversando e rindo mettemos por uma das veredas da serra, e demos principio, no triste chouto dos heroicos Babiceas, á penosa romaria. O sol aquecia cada vez mais; e um vento secco, ás lufadas, passava suspirando sobre as cabeças musgosas dos penedos, que se debruçam, pendidos ou apurados, parecendo que a cada instante vão desprender-se. Do mais alto da serra descobria-se ao largo o oceano resplandecente como diamante; e na praia das Maças via-se a onda enovelar-se e rebentar em flôres de espuma. Para a raiz das immensas penedias a vista apercebia aqui um massigo de verdura; além uma cortina de pinhaes; mais longe o alvejar de casas entre arvoredos frondosos. Lord Byron tem razão. N'aquella altura as nuvens servem de pedestal ao homem; correm submissas aos seus pés! Espectaculo na realidade sublime é o de uma paisagem aonde os toques são tão bellos e originaes; aonde o ameno se abraça com o severo; e a magestade a cada hora é realçada pelas risonhas fórmas da mais alegre e variada natureza!

— « Mas a conclusão do romance? » clama o leitor, que d'esta vez é justo confessar que tem razão sobeja. « O que succedeu a D. Egas? Curou-se, ou morreu? E D. Maria? e mestre Zacarias Zuleima? »

Chegamos ao convento das Cortiças. . . (leitor respeitavel olhae que não é digressão, é solda para ligar a cabeça ao tronco.) Depois de respirarmos, visitaram-se os sitios devotos, viu-se a gruta de Santo Onofre, o refeitório, e a igreja. Em quanto se descangava é que se leu parte d'esta novella, e as perguntas tambem vinham de todos os lados. . . Pois não nos diz nada do judeu? Não nos conta o que fez o rei? Queremos saber por força o acontecido depois da batalha da ponte. . . »

— « Mas no theatro em caindo o panno acabou-se. Supponham. Caiu o panno. »

— « No theatro, sim, mas no romance! Gosto pouco da sua Maria Paes, sabe? Podia escolher uma dama, que não fosse um monstro. »

— « Minha senhora, as damas más são excepções, por isso não alteram a pureza do culto e da adoração geral; demais a chronica e o nobiliario dizem. . . »

— « Devia-os deixar dizer. Cuida que é bonito estar a fazer de uma senhora um coração de fera? Eu por mim. . . »

— « V. ex.^a absolve, de certo. Lavra-se protocollo em que o auctor protesta: 1.^o ser fiel as damas e nunca as descrever senão bellas como a Clorinda do Tasso, e puras como a Beatriz do Dante: — 2.^o separar-se d'essa escola malereada, que nem respeitá a graça, nem venera as tradições da casta musa areadica: — 3.^o não sair do estylo orthodoxo. Assim convertido, é-me concedida a amnistia? »

— « Com essas condições. . . talvez! Ouga. Porque matou Gomes Lourenço? O pobre rapaz não merecia. . . »

— « Não fui eu, foi a historia que o matou; e mais veja v. ex.^a. . . »

— « Nada; não tenho que ver. Não sabem escrever senão officios de defuntos. É sempre mortes, sin-

gue, e maguas. Parece que estamos em terra de canibaes. »

— « Ferocidade theorica, minha senhora! Os Neros da litteratura são excellentes pessoas. Alguns posso attestar a v. ex.^a, que até gozam da saude mais teimosa, e de côres tão bellas, que ospõem em contradicção com a sensibilidade exaltadissima. . . do genero. Dos obesos e sadios não se fazem Marats. Depois, quaes são as victimas que deveram? E a sua imaginação, é. . . »

— « São as Lucrecias, as Marias Tudors, os Antonys? Bem sei. Mas estes anthropophagos intellectuaes são implacaveis e insaciaveis. »

— « Nada, » atalhou a outra senhora fechando o leque, e com um sorriso fino, « estes senhores estão ensaiando o valle de Josaphat. O que nos dão em Portugal como novo, enterrou-se em França ha dez annos pelo menos. São os mortos que resuscitam. »

— « É crueldade e injustiça, minha senhora. . . »

— « Olhe, da sua novella sympathiso só com o judeu, e o armeiro. . . »

— « Pois nem o padre Fr. Munio escapa ao menos? »

— « Salve-se esse por misericordia, e sou clemente ainda. Que preversa alma a do seu Lidador! é um verdadeiro monstro. »

— « A minha defeza está nos costumes da epocha. Hoje, e ha dous seculos mesmo, semelhante cousa seria falsa e absurda. N'aquelle era verosimil. »

— « Póde ser verosimil, não o negô, mas asseguro-lhe que é uma verosimilhança abominavel. Porque não saem d'essa idade media de máu agouro, onde tudo acaba no cemiterio? Não tem D. João V, Affonso VI, e as guerras da Africa e da India? »

— « Para cumprir as ordens de v. ex.^a e obter o meu perdão, protesto desde já tentar um romance, em que procure mais riso do que lagrimas, e tudo acabe christãmente pelo casamento de rigor, como nas bodas de Figaro. »

— « De que tempo? »

— « Do tempo das aventuras freiraticas e das galanterias perfumadas. Hade ser D. João V puro. »

— « Entra o Camões do Rocio? »

— « Perdão, minha senhora; é segredo de estado. Não se sabe, ou não se diz. »

— « Não cuide que nos escapa assim. Ha de acabar-nos o romance. Vamos, diga: o que succedeu depois da morte de Martim Paes a sua irmã? »

— « Declaro-me coacto e obedeço. Entretanto não respondo absolutamente pela veracidade das informações archeologicas, que estão encarregadas a certo abbade, grande antiquario. »

— « Não importa. Diga sempre. »

— « Como querem por força. . . demitto de mim a culpa. Passo o Rubicon. »

— « Logo que Affonso II chegou ao sitio do combate o som da sua trompa, chamando os cavalleiros empenhados em seguir a D. Maria Paes, deu a esta meio de se salvar. Porém se escapou á morte não se livrou dos remorsos. Tempos depois casou, e a maldição de Gomes Lourenço caiu sobre ella. Esposa, mãe e irmã padeceram a dôr da viuvez, do amor maternal, e da amizade fraterna. A força de chorar perdeu a vista, e ainda viveu assás para ouvir seus netos, desgraçados, maldizerem o sangue que os gerara, e a hora em que nasceram. »

— « É o filho de Gomes Lourenço? »

— « Esse levou-o Affonso II para o peço, e por tal modo protegen a sua infancia e amparou a sua mocidade, que D. Egas, depois de restituido, julgou-se desobrigado do dever que seu irmão lhe legara. Em quanto viveu o monarcha foi para o or-

phão um pae estremoso, e elle pagou-lhe servindo-o lealmente e a el-rei D. Sancho.

— «Mas onde ficou o judeu? Pero Britador tinha-o soltado, e...»

— «E aqui o temos mais perto do que imaginam. Não ha dor que dure muito. Ainda as lagrimas brilhavam nos olhos de todos ao chegarem á ponte, arena do duello, quando um espectáculo diverso alegrou a tristeza geral. O nosso amigo D. Zuleima, apenas solto, procurou el-rei, e não quiz separar-se d'elle, aturando as fadigas da jornada com resignação exemplar. Por isso chegou derreado, mas contente, a tempo de vér o cadaver do seu expoliador. O judeu no meio de todas as vicissitudes não perdera a fé. Acreditava reaver de Martim Paes os maravediz roubados, como acreditava em Moysés e na talmud. D. Afonso II, para gozar da anciedade do pharizeu fiscal, tinha-o intimado sob pena de morte que reposesse o dinheiro nos seus cofres dentro de quinze dias contados. Já se vê que esta ordem devia dar azas a D. Zuleima.

De feito, em quanto el-rei e os cavalleiros conversavam arredados, mestre Zacarias apeou-se e foi direito ao corpo de Martim Paes. Dizia-lhe o coração que as duas bolsas estavam ali. Apalpou, revolveu, esquadrinhou, e já se ia torvando a serenidade do seu rosto, quando desatacando os fechos do arnez, entre este e uma especie de aljuba de anta, descobriu os bellos captivos com a mesma obesidade de bom agouro, em que os deixara. Levando em cada mão sua bolsa o nosso amigo principiou a clamar com entranhavel jubilo.

— «Venceu o leão de Judá! Apanhei aos pharizeus a arca! Estou salvo; estou quite!»

Reflectindo um pouco no meio dos nobres que o rodeavam ás risadas, e dos peões que de mais longe o observavam nos bicos dos pés, pôz-se a contar o dinheiro e a rever as moedas. Não faltava nada. O judeu ergueu-se então, atirou dois saltos como um jogral, e voltando-se para Pero Britador, exclamou:

— «Mestre Pero, se precisaes, estão com soldos ao vosso dispôr.»

Era dia de jubileu. viu-se pelo insolito rasgo de magnanimidade.

— «D. Zuleima,» redarguiu o armeiro, «guardae os soldos, e lembre-vos o meu fôro de cavalleiro-villão. Se esquecer... sabeis se mordo. O dito, dito.»

— «Nós arranjarémos o caso do fôro com os alvazís de Coimbra,» acudiu Afonso II. «Não queremos que o armeiro nos deixe sem ovengal.»

Assim terminou o conflicto entre o pharizeu fiscal e o Vulcano conimbricense. D. Zuleima porém estava outro homem; e d'ahi em diante viveu bem com toda a gente. Na sua velhice entretinha-se em contar a seu filho Samuel como um maldito santão o quizera obrigar a rezar o credo, e a maneira milagrosa por que o grande Jehovah o salvára d'este peccado.

— «Muito bem! Falta só o armeiro. Que foi feito d'elle?»

— «Sucedeu-lhe uma grande desgraça pouco depois. Casou-se!»

— «Acha?»

— «Sempre em referencia á epocha, minha senhora. Pero Britador cresceu em fortuna e chegou a ser alvazil. Na idade grave os vizinhos que iam ajudal-o á cêa, ouvindo a historia de Gomes Lourenço, que elle contava pelo menos duas vezes por semana, perguntavam-lhe por D. Egas, que tinha desaparecido; e mestre Pero, pondo então as mãos na cabeça de Estevinho, seu filho unico, respondia com melancholia:

— «Deus te livre dos amores de Gomes Lourenço, e da sina de D. Egas, o ermitão.»

— «Cuidei que acabava peor,» disse uma das senhoras, cuja critica cortante já em toda a boa fé reproduzimos. «O fim não é tão máu como se esperava.»

— «Minha senhora, a razão é simples. Quasi sempre dos maiores peccadores saíram os maiores santos.»

— «Sim? Pois eu digo, que melhor é não tentar a Deus.»

Levantámo-nos e partimos. Sobre a tarde chegámos ao Linhol, e jantando, celebrámos ainda uma vez a memoria das proezas gastronomicas de D. Zuleima em Santa Olaia.

L. A. REBELLO DA SILVA.



MONUMENTO DE SIR ROBERT PEEL.

O MONUMENTO de sir Robert Peel; d'esse celebre estadista, que lançou a Inglaterra n'uma nova era de prosperidade e grandeza, foi erigido dentro do novo cemiterio da pequena cidade de Forfashire. Começado em 1850, por esforços da commissão directora dos trabalhos, eleita pelos admiradores do insigne ministro, pôde concluir-se no mesmo anno, apesar de ser uma obra de arte de bastante importante.

O lugar eminente em que foi construido, e a altura do monumento, que excede a 47 palmos, faz com que possa ser visto de distancia consideravel.

O busto de sir Robert Peel, que se acha ali collocado em um pedestal, foi executado por mr. William Anderson, moço e esperançoso escultor; todo o monumento foi traçado por mr. James Maclaran, de Dundee, cujos desenhos mereceram a preferencia entre trinta e um, que a commissão teve presentes.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

X.

O castello desde a extincção do couto até á acclamação de D. João IV.

TEMOS visto que a concessão dos privilegios aos moradores do castello não produziu o desejado effeito; e que a povoação d'elle foi cada vez definhando em numero, e muito mais em qualidade. É verdade que ainda em 1599 se fechava todas as noutes a porta do castello, mera formalidade sem outra significação além do grave detrimento dos moradores do arrabalde, que assim ficavam privados dos sacramentos, cuja administração dependia da igreja matriz, sita dentro do castello. Este inconveniente foi remediado pelo visitador ecclésiastico, quanto cabia em sua jurisdicção, em provimento de 21 de outubro do mesmo anno (1). Passados porém mui poucos annos, estava já a guarda da fortaleza por tal fórma abandonada, que os officiaes da camara em vereação de 2 de março de 1613; « accordaram que por quanto se desfaz a fortaleza d'esta villa, e mais casas que estão dentro no castello d'esta dita villa, e os homens moradores d'ella vão desmanchar as casas e muros da dita fortaleza (2), pera fazerem suas obras; e porque convem acudir á dita devassidão; mandam que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja tire pedra dos muros, barbacãs, nem casas de dentro da fortaleza, com pena de seis mil réis pera esta camara e accusador, o qual será provado ou achado; e sob a mesma pena não possam os donos das ditas casas desmanchar, nem tirar pedra, telha, madeira, nem outra qualquer cousa sem licença da camara; e que toda a pessoa, que por mandado de outrem trouxer as ditas cousas, pagará quinhentos réis para a camara e accusador, e dez dias de cadeia (3). »

(1) « Fui informado (diz o doutor Sebastião Tinoco, visitador) que a porta do castello, onde reside o padre Diogo de Oliveira, cura d'esta igreja, se fecha de noute; e porque estando fechada se lhe não pode dar recado, nem elle acudir administrar os Sacramentos, e pôde haver falta na administração d'elles, mando que d'aqui em diante não consinta fechar-se a porta; e em caso que se mande fechar, o reverendo cura residirá fóra do castello, onde suas ovelhas o possam achar facilmente para lhes acudir com o pasto espiritual das almas, como é obrigado, sob pena de, além de se lhe dar em culpa, pagar cinco cruzados para o meirinho e obras pias. » Livro das visitações da matriz, que começou em 1567, folhas 47 verso.

(2) Note-se como já n'esse tempo a palavra *villa* significa propriamente a povoação de fóra do castello.

(3) Livro das vereações de 1612 a 1615, a folhas 79.

Baldado empenho é querer o homem ir de encontro á marcha natural das cousas! Nem privilegios de reis, nem accordãos de camaras podiam embargar a demolição continuada de muros e edificios, ou a deserção sempre crescente dos habitadores, os quaes já por esses tempos eram tão poucos, que o castello mais parecia curral de gado, que morada de homens, de que dá bom testemunho o seguinte *accordão* em camara de 10 de abril de 1616: « Accordaram que por quanto o Santissimo Sacramento o levam por a porta do castello aos doentes e procissões, que se fazem; e as ditas portas e calçada sempre estão muito sujas de bestas e bois, que dormem dentro no castello; mandam que de hoje por diante nenhum boi nem besta durma dentro no dito castello, sob pena de duzentos réis, e sendo asnos meio tostão para a camara » (4). Este *accordão*, muitas vezes renovado por todo o tempo, em que a matriz foi dentro do castello, mostra que o estado da fortaleza nada melhorou.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

INSTRUCCÃO ELEMENTAR.

V.

Ai do artifice a quem os instrumentos escaceam! Que obra esperareis d'elle que vos aproveite, que vos lisonjeie, e que o honre? A concepção, essa lá está no espirito desenhada com vivo colorido; mas se ao infeliz não ajudarem meios de acção e revelação? o seu pensamento querido morrerá com elle, nunca o verá obra, não poderá dar-lhe corpo, que o namore da propria pericia, e que aos outros admire. Como Archimedes ha de morrer sem que o seu braço abale o mundo, porque lhe faltam a alavanca e o apoio: como Bernardin de Saint-Pierre, que para dar vulto ao seu pensamento social carecia que o poder da imperatriz philosopha lhe fosse instrumento, ha de vêr, que o tempo corre veloz e em vão, que a esperança lhe desfallece, que a atonia o sepulta desconsolado; Catharina, o instrumento, mentiu-lhe; e uma luz do céu se apagou, e o auctor da *Arcadia* viu, que rasgadas uma a uma as folhas do seu livro, voavam pelo espaço, e iam cair e perder-se no charco immundo da indifferença dos espiritos vulgares: murcha e secca jazeu a arvore, que já se abotoava para fructos!

Os meios praticos são muitos e quasi tudo para a obra: a mingua de uns, e a impossibilidade de outra são congenitas. Parti d'ahi para o ensino primario. Bom mestre, optimo mesmo que elle seja, que fará se escolha adequada de livros para lição da mocidade lhe não secundar os esforços? O tempo se lhe consumirá sem proveito: hão de os annos amontoar-se nos discipulos sem que, correspondentemente, lhes cresça n'alma o thesouro da boa doutrina: nem assiduidade de applicação, nem fervor de vontade farão d'elles, como se esperava, homens prestantes, e capitaes preciosos. E quando bons mestres; cousa que geralmente escacéa! nem poderão só conseguir, que a instrucção publica medre e floresça; que será com os máus? Cabedaes desperdigados; logro de paes credulos ou inexpertos; tropeço da publica illustração e prosperidade. Assim, bons mestres, e boa escolha de livros de ensino, são entre si mutuo e indispensavel complemento.

(4) Livro das vereações de 1615 a 1618, a folhas 66.

Esses livros tel-os-hemos já? Não o cremos. O que anda nas mãos de todos, e por todas as aulas, quando não é absurdo na materia, pecca, e capitalmente, na fórma; e nem se diga, que a communitate do uso lhes sanciona a bondade e o prestimo.

Fallámos desapaixonados e com a mão sobre a fogueira. Esta franqueza dil-a-bão talvez impropria, porque em portuguezes já não é commum vêr fé intima, que se apparelha para o martyrio, por entre a confissão energica dos seus dogmas. Entre nós o criterio publico e solemne é ainda juiz impedido: a critica planta exotica, que se desponta, não tem força para vencer a calma dos sonhos, que a queimam e sufocam. Mas já que é força fallar, hemos de quebrar todas as ataduras, que não sabemos, nem podemos attraçoar a consciencia. Nem temor de nomes, nem consideração de pessoas hão de nunca demover-nos. *Amicus Plato, magis amica veritas*. Se errarmos haja alma benefica que nol-o diga. O que tiver força de argumentos, e multidão de factos em contrario, que se levante para desmentir-nos. Não somos rebeldes a boas razões, e nunca ha de pejar-nos que ellas nos inclinem á conversão.

De tantas cartas, de tantos expositores, de tantos methodos facillimos, que por ahí andam com pregão mercenario desafiando a boa fé do publico descuidado, qual d'elles, qual d'ellas, pôde dizer-se, que não seja supplicio da infancia, banco de arcia em que este pobre baixel se enterra, se estorce, se desconcerta, e que só com a força de embates e choques violentos se transpõe? E nem o perigo d'este quasi naufragio é tudo! Perdidas insanaveis ficam depois de tanto bater e combater em vão: fica a impaciencia, a desaffeição ao estudo, impressões que em animos tenros se fixam e consubstanciam facilmente, e que decidem da sorte de toda uma vida, de toda uma geração talvez!

Para fazer o primeiro livro da infancia, ainda mais do que para qualquer outro, por maiores que sejam os quilates por que o queiram temperar, requer-se espirito transcendente e philosophico, que saiba estudar, comprehender, identificar-se com o seu fim, tornar a lição appetecida e facil ainda aos que mal balbuciam, para que o proprio adiantamento que as creanças tiverem as alegre, creando-lhes emulação nobre e fecunda, esporeando-lhes o desejo de saberem mais, e de tocarem o termo d'aquelle tirocinio, que crêem ser cousa proxima, e de tão facil consequimento.

No novo methodo de *leitura*, que por ahí se vae com grande proveito vulgarisando, deu-se o primeiro passo, e passo gigante para esse fim; porque resume noções claras; assenta em princípios incontestavelmente mais philosophicos do que quantos até aqui se tem pensado e escripto; a pratica lhe confirma o bom exito; a experiencia e o tempo podem ainda dar-lhe perfeição tão luminosa, que converta obstinados e incredulos. Agora saber lêr é como appareição subita. Resta depois o exercicio de outro livro, que em pouco tempo aprimore a lição do primeiro, que com razão não é em si livro para lêr, e sim um methodo.

Mas o que se ha de lêr depois? Vemos que nas escolas se não dá a menor attenção a este objecto, e que indil-rentemente se lança mão d'este ou d'aquelle livro, sem que jury especial coarcte esta perniciososa liberdade, e prescreva os que devem servir para as differentes transições do ensino. Approvadas pelo conselho superior de instrucção publica ha muitas obras; porém n'esta mesma approvação cumulativa, n'esta mesma abundancia, nos parece vir o

grave embaraço da pobreza. Com programma assentado e definido, porque não ha de estabelecer-se concurso *permanente*, em que só uma seja a laureada com a eleição, não approvada simplesmente, mas tornado obrigatorio o seu uso, em todas as escolas publicas e particulares? E uma vez adquiridos estes direitos de approvação, eleição e obrigação, que se não percam se não com a apparição de melhor livro; porque só assim e com a tal *permanencia* de concurso se pôde caminhar, e chegar á perfeição requerida em ponto tão melindroso.

Não conviria, que o primeiro livro com que a puericia fizesse conhecimento fosse um tratado de *deveres*, que pela clareza da substancia e do formulario facilmente se lhe imprimisse n'alma? Até aqui, até este livro leitura simples. Em seguida outra transição; já estudo em *encyclopedia* manual, que tanto obrigasse a grammatica, arithmetica, geographia, chronologia e historia, como aos demais elementos de sciencias naturaes, moraes e philosophicas; e então a instrucção primaria teria, em tempo mais curto, e com trabalho mais leve, alguma cousa de real e significativa na civilisação e adiantamento social.

Para fazer este livro de *deveres*, e a *encyclopedia* que ainda não temos (pois os que se apontam taes são de erudição demasiadamente pretenciosa, e até muitos mestres haverá que os não entendam) não faltam homens competentes: falta

«O favor com que mais se accende o engenho.»

Premio de duzentos mil réis estabeleceu aos compendios o decreto de instrucção publica de 20 de setembro de 1844; mas nem ainda appareceu programma, nem se abriu concurso para essa tysica remuneração!

Não ha de ser assim que iremos sentar-nos no pantheon do mundo! Como? se nem diligencia dos altos, nem favor aos que debaixo trabalham!

Quereis saber o que a academia franceza faz para aproveitar e exercitar os bons espiritos? Até a umas leituriinhas, historietas, conferiu o premio de seis mil francos, e foi mr. de Jussieu que o levou!

Aprendeí dos outros, e cá tereis o que já elles têm.

VI.

Todos ahí querem e sentem a necessidade de popularisar a instrucção elementar, e chamar ás aulas quantos careçam de ensino; mas já que o prestimo do saber inda não calou bem na convicção dos interessados, nem poude pelo concurso de factos irrecusaveis despertar-lhes a devoção intima, força é que legislação obrigatoria aplane caminho a estas apparentes obstrucções. Palavras e insinuações podem muito, mas não podem tudo. Para os que a despeito da razão se rebellam contra o discurso, para esses taes semi-pharizeus, deve haver a logica da força, que não dê quartel nem a duvidas nem a contestações, antes tenha por si a acção e a ameaça. A instrucção tanto é direito, como dever. Se o ignorante se prejudica como individuo, não faz menos mal aos outros, como membro que é da sociedade. Suppra pois a legislação o que ainda falta de devoção a aulas: proponha-se cá de longe remover os prejuizos, que d'esta incuria e desamor necessariamente brotam.

Fazer obrigatoria a educação litteraria da infancia já é cousa velha na legislação lá de fóra, e não só n'ella mas na effectividade, na inteira observancia, na pratica sobre tudo. Que valeriam cousas d'esta ordem sómente escriptas? Valeriam tanto, e dariam de si argumento e proveito, como cá vale e aproveita o artigo 32.º do decreto de instrucção publica de 20 de setembro de 1844, que mesmo em

nunca ter sido usado, está em pacifico e beatifico desuso!

Pobre geração é a que agora desponta, se este estado de dôce abandono da instrucção continuar. Façei lá fuzas para o futuro nos que agora engatnam; apregoae alto e bom som que a nossa civilização caminha prospera, que para desmentir-vos cá temos os recenseamentos da população na desfavorabilissima columna da classificação litteraria; cá temos uma e muitas freguezias em que não ha dous homens que saibam lêr, e se revezem nos cargos parochiaes; cá temos a estatística dos crimes e dos vadios; cá temos a paralytica da industria; a diminuição da riqueza publica; a universidade e academias sem darem de si nova que as honre e signifique vida; o catalogo das publicações litterarias hydropico de inutilidades, e eivadas semsaborias; a raridade de obras de prestimo e cunho scientifico; a litteratura, ainda assim mais philologica do que original e doutrinaria, reduzida a meia duzia de nomes, meia duzia de cultores, salvos como Deucalião do geral cataclismo das letras portuguezas! Oxalá que o zêlo nos houvesse enganado n'esta apreciação da epocha; mas ainda mal, que assim não é.

Chegado é o momento em que nós todos devemos á tranquillidade da propria consciencia acto de contricção, e proposito de melhor vida futura, porque o peccari de hoje pôde ser-nos caminho para o *kosanna* de outro dia. Carecemos de lei cabalmente explicita, que regule a materia de tornar obrigatorio o ensino da infancia; lei em que, a par das penas impostas a remissos e teimosos, esteja o premio e galardão dos observantes. Aos paes, tutores, ou administradores, que não obrigarem filhos, tutelados e administrados, menores de quinze annos, a frequentar assiduamente de dia ou de noite aulas publicas ou particulares, devem impor-se penas severas; mas tambem devem preferir-se no recrutamento para a milicia os moços que não souberem lêr, e suspender-lhes todos os direitos politicos, e excluil-os dos ganhos operarios e serviços nacionaes, e sobre tudo, como succede n'algumas partes da Europa, impedir-lhes o casamento, até que por exame provevem sufficiencia nos elementos da primeira instrucção, assim como o fazem na doutrina religiosa. Com isto teremos então vencido para a luz esta grande peleja com o obscurantismo.

Se a lei tão necessaria e appetecida com todas essas condições viesse, e não só viesse, mas se cumprisse rigorosamente, e se dessem ao publico os meios indispensaveis para isso, a multiplicação de escolas, etc.; fôra acaso muito esperar que dentro de dous ou tres annos todos os menores de vinte soubessem lêr, escrever e contar? D'ahi então resultará era essencialmente illustre: ha de a nação valer mais, porque cada um dos cidadãos subiu de preço: ha de ser breve o caminho para o verdadeiro progresso: ter-se-ha popularizado o mais precioso instrumento de trabalho, que ha de concorrer a formar muitas fortunas; a augmentar toda a casta de industria compativel; a dar azos a que por ventura se manifestem muitos espiritos predestinados, que d'antes teriam passado desconhecidos do mundo, té ir apodreecer e confundir por entre a ossada obscura e commun das vallas do cemiterio o crânio em que se encerrára o germen de uma intelligencia real, desherdando assim a patria da gloria, que os louros de seu filho lhe houveram reflectido. Cheronea, a pequena cidade da Béocia, immortalisou-a ter sido berço de Plutarcho. Diante d'este, emudeceram, esqueceram completamente todos seus outros titulos gloriosos.

Agora resta dizer como por meio da ASSOCIAÇÃO se deve e pôde secundar a acção do CORPO LEGISLATIVO, no mesmo sentido da reforma e propagação da instrucção elementar. Dil-o-hemos.

(Continúa.)

JOSE DE TORRES

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REINANTE.

PRIMEIRO PONTO.

De quem era filho?

XVIII.

É TODAVIA necessario advertir que outros, e não menos graves historiadores, trilharam outro caminho bem diverso, pois da irmã de S. Estevão de Hungria, que foi casada com o doge de Veneza Othão Orseolo, fazem nascer D. Pedro de Hungria; e o mais é que se fundam em auctores coevos, d'onde procedeu escrever-se hoje, como ponto já decidido, que D. Pedro era filho do doge de Veneza, o que suscita a mais seria difficuldade a quem deseje entroncar o nosso conde D. Henrique, segundo o já exposto, com os condes de Borgonha. Os doutissimos Bollandistas empenharam-se com todo o esmero, que lhes era possivel, por ajustar as notaveis discrepâncias dos auctores húngaros n'este particular de que tratámos. Rejeitaram o segundo matrimonio de S. Estevão com a senhora borgonheza, e só admittiram o primeiro, e uma só Gizella; porém Bonfinio já tinha ponderado, que só admittidas que sejam duas esposas consecutivas do mesmo nome, é que se poderão compôr as desavenças dos historiadores; o que tambem fez grande pezo aos Bollandistas, os quaes, apezar de excluirem as allianças na Borgonha, nem por isso as desprezam, e muito menos julgam, que fique dezaيروس abraçal-as e seguil-as (1). Entretanto, ainda que eu seguisse a opinião de que o nosso conde D. Henrique era neto do doge de Veneza Othão Orseolo, não ficaria deslustrada a casa reinante; pois que máu era descender d'um príncipe, que dominava, como soberano em Veneza pelos annos de 975, e que renunciando as pompas e grandezas humanas, acabou os seus dias no cilicio e na cinza, e mereceu ser tido pelos venezianos, como seu protector no céu? (2) Que máu era ser filho de um príncipe, cujo irmão casara com a irmã de Romano Argyro, imperador de Constantinopla, ou do oriente? (3) Porém, como o ponto essencial das minhas indagações consista em salvar o testemunho do arcebispo de Toledo, para o que é necessario admittir o parentesco de primo-co-irmão entre os dous condes Raymundo e Henrique, torna-se indispensavel, que eu previna aos meus leitores, de que, ainda no caso de admittirmos a presentemente vulgar genealogia de Pedro, rei de Hungria, ainda nos restava uma aberta para salvarmos aquelle testemunho, qual era não se mostrar nem falso, nem repugnante, que o conde da alta Borgo-

(1) Acta SS. mensis septembris, tom. 1.º, edição veneziana de 1756, pag. 553.

(2) Biogr. univ., tom. 32, pag. 171 e seguintes.

(3) Ibidem.

nha, Guilherme o grande, casasse mais de uma vez, e alguma d'estas com outra irmã de Alberto, duque de Austria; pois o *congermanus*, apesar de que não tenha faltado quem diga ser privativo de primo coirmão por parte dos paes, também se estende aos primos co-irmãos por parte das mães (1); e a incerteza que observo nos genealogicos francezes, no tocante ao matrimonio e successão do primeiro Guilherme, o *cabeça atrevida*, pois havendo só um d'este sobrenome em a ultima edição da historia genealogica de França, apparecem dous em as ultimas edições da *Arte de verificar as datas*, um dos quaes se diz fallecido em 1087, sem que se nos diga outra cousa mais do seu filho primogenito, senão que falleceu antes de 1090, o que nos dá todo o logar, para que desejemos saber se fallecendo elle, por exemplo, em 1089, houve alguma razão, para que deixasse de succeder a seu pae; (2) e de outro lado, se o summo pontifice Calisto II era, pelo testemunho dos auctores coevos, filho de Guilherme o *cabeça atrevida*, e neto de Raynaldo I duque de Borgonha, e irmão de Raymundo, conde de Galliza, forçosamente o nosso Henrique, a prevalecer, como é necessario, a gravissima auctoridade do arcebispo D. Rodrigo, ha de ser filho de irmão ou de irmã por qualquer dos lados paterno ou materno dos paes do conde D. Raymundo e do santo padre Calisto II. É para notar que os auctores allemães dão este pontifice como filho de Guilherme, o *cabeça atrevida*, e de Gertrudes de Lemburgo, que, na opinião dos auctores da *Arte de verificar as datas*, foi esposa, não do primeiro, mas do segundo Guilherme do mesmo appellido. Já tenho advertido, que este Raymundo feito conde *trans Ararim* pelo Ms. de Fleury, sendo irmão de Hugo, arcebispo de Besançon, foi rigorosamente conde de Borgonha, e tenho assaz direito para estranhar, que elle me falte na serie dos condes de Borgonha. Igual direito me assiste para inquirir dos genealogicos francezes, porque motivo este Raymundo, conde de Borgonha, nunca se assignou como tal em as escripturas de Hespanha? E se em 1088 se dispunha a sair para este reino, porque antes d'isto não podia assignar-se arcebispo de Besançon, porque o achámos em 1087 já assignado nas ditas escripturas, (3) e sómente com a simples qualificação de *Raymundus comes*? Quem sabe se ainda virá tempo, em que, melhor averiguadas estas cousas, se determine mais exactamente quem era o conde Raymundo, e consequentemente se apure de uma vez o seu grau de parentesco, de que mais largamente se poderá fallar? No meio de tão densa escuridade scintillam aqui e além certas, como luzes, que, sem embargo da sua pequenez, algum subsidio nos deparam, pelo menos, para que não resvalamos em algum precipicio. Ainda que faltassem os mais argumentos com que tenho combatido a opinião hoje vulgar, bastaria recorrer aos proprios genealogicos francezes para me desembaraçar da Sibilla, chamada filha de Raynaldo I de Borgonha, e tida por mãe do conde D. Henrique; pois sendo ella irmã de Guilherme, o grande, e encontrando nós uma filha d'este casada com Humberto II, conde de Mauriana, e d'ahi a pouco uma neta d'esta, e filha de Ama-

deu II, casada com o senhor D. Affonso Henriques, que por este modo seria seu parente em grau prohibido, e attenta a severa disciplina da Igreja em todos aquelles tempos havia de ser immediatamente separado da sua consorte, o que não vejo acontecer; só por isto me veria obrigado a procurar todos os meios de me evadir a uma opinião inconciliavel com os factos e monumentos historicos do seculo 12.^o

(Continúa.)

BÔA NOVA LITTERARIA.

O MAGNIFICO romance do sr. Antonio d'Oliveira Marreca, intitulado *O Conde Fernão Gonçalves de Castella*, de que se publicou uma parte no 8.^o volume do Panorama vae continuar e ha de concluir-se n'este mesmo jornal.

Annunciâmol-o com tanta maior satisfação aos nossos subscriptores, quanto foram instantes os pedidos que um grande numero d'elles, assim de Portugal, como do imperio do Brazil, nos fizeram para que procurássemos obter do sr. Marreca a conclusão do seu tão primoroso trabalho.

O editor continuará incansavel a empregar todos os meios para que o Panorama seja cada vez mais digno da sua antiga reputação litteraria. É uma empreza de honra esta em que se acha empenhado.

O que já tem feito lisongeia-se de que será uma sufficiente garantia dos melhoramentos, que não annuncia em *termos pomposos*, mas que espera realisar em breve; e um d'elles, e o mais importante, será a collaboração regular e effectiva do sr. A. Herculano, a quem o Panorama deve as suas mais bellas paginas, e uma grande parte da sua incontestavel popularidade nos dous hemispherios.

Outros melhoramentos confia o editor poder verificar no proximo anno, os quaes serão indicados especificadamente em occasião opportuna, esperando que o publico intelligente corresponda aos seus esforços e diligencias.

— É maior gloria civilisar que conquistar povos: para a civilisação é mister sabedoria; para a conquista basta a força.

— A tactica de inventar conspirações e revoltas para opprimir, não é nova; assim subjugou Pisistrato os athenienses, Dionisio os syracusanos.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, o tomo 3.^o das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 440 paginas, de 8.^o francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.

(1) Fernão Petriz, filho da rainha D. Urraca, e sobrinho da nossa D. Thereza chama-se — *Congermanus* do *infans*, ou do senhor D. Affonso Henriques, na doação do couto de *Cucujaens*.

(2) Dandolo, apud Muratori collect. script. ital. tom. 12, pag. 223 e seg.

(3) Hespanha sagrada, tom. 16, escriptura 21, pag. 472